

A Pré-História do Brasil

O SURGIMENTO do *Homo sapiens sapiens* e sua chegada à América

Todos os homens modernos que vivem hoje no mundo fazem parte de uma única espécie, a do *Homo sapiens sapiens*. Quando teria surgido essa nossa espécie, e onde? Há duas maneiras de buscar informações e de tentar responder a essas perguntas: por meio da genética e da paleontologia. Juntando-se ambas as vias de pesquisa, os estudiosos têm proposto uma origem africana recente para o *Homo sapiens sapiens*. Essa idéia opõe-se àquela visão que sustenta que os seres humanos modernos (nós) teriam evoluído de forma independente em diferentes áreas da Eurásia e da África. Florentino Ameghino, estudioso argentino do século XIX, havia sustentado que o homem moderno teria surgido na Argentina e, dali, espalhado-se pelo mundo. Essa proposta foi contestada e abandonada nas primeiras décadas do século xx. Hoje, a visão predominante defende uma origem única, na África.

Quando surgiram os primeiros homens modernos? Não se sabe ao certo, porém ficou constatado que já havia *Homo sapiens sapiens* fora da África, na Palestina, há 92 mil anos. Cientistas analisaram o DNA mitocondrial - material genético em uma célula que passa sem modificações de mãe a filho - de indivíduos de diversas partes da terra e concluíram que todas as pessoas são, em última instância, originárias da África. De fato, hoje a maioria dos estudiosos considera que o *Homo sapiens sapiens* - que, como foi explicado, surgiu unicamente na África - não seria muito anterior a 130 mil AP. No período entre 60 e 40 mil AP teria surgido a grande maioria das manifestações e habilidades humanas como a arte, os enfeites do corpo, os enterramentos de mortos, as viagens marítimas e,

provavelmente, a linguagem falada. A emigração do *Homo sapiens sapiens* teria ocorrido entre 80 e 25 mil AP, com uma data média provável de 52 mil AP. O *Homo sapiens sapiens* teria chegado à Oceania há mais de 50 mil AP.

Costuma-se dividir a Pré-História nos seguintes períodos, a partir de um ponto de vista europeu construído na primeira metade do século XX, quando ainda se conhecia muito pouco o passado nos demais continentes:

Períodos da Pré-história

Paleolítico ou período da *Pedra Lascada*: 2 milhões a 120 mil anos atrás (hominídeos)

Paleolítico Médio: 130 a 35 mil anos atrás (surgimento do *Homo sapiens*).

Paleolítico Superior: 35 a 12 mil AP (época da colonização humana da América).

Mesolítico: 12 a 9 mil AP.

Neolítico ou *pedra polida*: 9 a 5.500 anos atrás na Europa, Ásia e África; 7 a 2 mil AP na América.

Na América: Paleoíndio (antes de 8 mil a.c.)

Quando e *como* a nossa espécie chegou à América? *Como* eram esses primeiros colonizadores? Por que vieram para o novo continente? Essas são perguntas que têm sido respondidas de diversas maneiras. Desde o abandono da hipótese de autoctonia do *homem* americano, levantada por Ameghino, no início do século XX, estabeleceu-se uma visão predominante de que o homem chegou à América, por meio da transposição do Estreito de Bering, em algum dos três últimos período? de glaciação (40 mil, 25 mil, 14-9 mil AP).

Se observarmos os vestígios humanos anteriores aos últimos 10 mil anos, verificaremos que a maioria provém de savanas e regiões temperadas, o que indicaria, segundo alguns, que o *Homo*

sapiens sapiens só conseguiu se adaptar à vida em clima tropical muito recentemente. As evidências arqueológicas provenientes de áreas tropicais anteriores a 12 mil anos demonstrariam que houve uma expansão colonizadora do homem da África setentrional em direção às zonas temperadas e frias e, daí, à América do Norte. O grande pré-historiador Clive Gamble, em seu amplo estudo *Andarilhos do passado*, expõe, de forma muito didática, essa idéia:

Com as florestas tropicais, encontramos um paradoxo. Em primeiro lugar, não supomos, popularmente, que descemos das árvores tropicais? Em segundo lugar, e mais importante, esses são os meios ambientes mais ricos na face da Terra, já que recebem mais energia solar. Possuem a maior biomassa e produtividade e a maior diversidade de vida animal e vegetal. E, no entanto, a conclusão, tanto da evidência histórica como arqueológica é que a ocupação humana das áreas de florestas tropicais ocorreu muito tardiamente. Não é à toa que a palavra *jangala*, em sânscrito, da qual deriva o inglês *jungle* (selva), signifique deserto. Não é de admirar que Tarzan tenha ficado contente ao encontrar sua Jane!

Há, entretanto, diversas objeções à teoria da ocupação tardia das áreas tropicais. A ausência de vestígios humanos muito antigos nas áreas tropicais não significa que não existam e venham a ser descobertos, pois as áreas tropicais foram muito menos pesquisadas que os demais tipos de ambientes. De certo modo, a maioria dos arqueólogos acabou pesquisando à beira mar e em ambientes já degradados pela ocupação urbana e rural, com menos investigações em lugares distantes e cobertos por florestas. Segundo a velha regra, não se pode tirar conclusões pela ausência de dados, pois eles podem surgir a qualquer momento: devemos sempre ter cuidado, pois sempre podem surgir informações novas. Em seguida, como o homem teria chegado à África austral, à Oceania e à América do Sul, onde já estava há, no mínimo, 12 mil anos, sem passar por áreas tropicais? Além disso, um outro questionamento que se faz à teoria da ocupação tardia dos trópicos parte do princípio de que a idéia de que a floresta tropical é um inferno para a vida humana, por ser mais difícil do que a vida em climas frios, parece tão subjetiva e culturalmente enviesada quanto a noção "popular" de que a vida nos trópicos é mais fácil por causa da natureza pródiga.

Em parte, a idéia de "inferno verde" decorreu do etnocentrismo europeu em relação aos diferentes meios de vida nos ambientes tropicais. Por muito tempo os cientistas guiaram-se pelo senso comum, considerando as economias indígenas como pobres ou atrasadas, em vez de considerá-las apenas diferentes da sua economia capitalista e urbana. Como disse, o antropólogo Marshall Sahlins em um dos seus famosos livros, *Economia da idade da pedra*: "Havendo atribuído ao caçador impulsos burgueses e ferramentas paleolíticas, julgamos sua situação desesperada por antecipação". Isto é, os cientistas pensavam a vida no ambiente tropical segundo as regras da vida urbana européia, imersos em uma tremenda ignorância em relação às numerosas estratégias adaptativas dos povos indígenas.

Essa ignorância esteve presente na formulação da primeira teoria que visava à explicação da ocupação e da diversidade humana da América do Sul e do Brasil. A chamada teoria do *degeneracionismo*, muito influente nos meios intelectuais brasileiros até poucas décadas atrás, foi difundida a partir das publicações do naturalista Von Martius, que percorreu o interior do país para levantar informações sobre a fauna e a flora, entre 1817 e 1820. Von Martius divulgou suas idéias sobre o degeneracionismo em 1839, mas foi apenas em 1845 que essa teoria passou a ser conhecida no Brasil, quando foi publicado o seu ensaio "Como deve se deve escrever a História do Brasil", vencedor de um concurso realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Von Martius adotou as idéias de certos círculos intelectuais europeus, que estavam em moda desde o século XVIII, para explicar a diferença dos animais das Américas em relação aos do "Velho Mundo" (África, Europa e Ásia), qualificando-os como inferiores e aberrações. A partir dessa idéia, Von Martius formulou a tese de que as populações indígenas que ocuparam as Américas eram originalmente "desenvolvidas", tendo como modelo os astecas, os maias e os incas, em virtude das suas arquiteturas monumentais, das densas populações e da agricultura em larga escala. Ao

descerem das terras temperadas, dos altiplanos andinos, os incas teriam ingressado nas áreas de floresta tropical, consideradas ambientes desfavoráveis para a humanidade, passando a sofrer um contínuo processo de degeneração das suas capacidades morais, de desintegração da sua cultura material e de sua organização social. Além disso, acredita-se que o clima cálido e úmido das florestas induzia as pessoas a terem uma vida sexual desordenada, o que resultou em uma contínua formação de novos povos, cada vez mais degenerados e com as suas línguas cada vez mais diferentes. Isso explicaria a imensa dispersão geográfica dos falantes de várias línguas, a exemplo dos povos tupis e jês. Von Martius achava que a semelhança entre as distintas línguas devia-se a uma separação recente e que esses povos não eram muito antigos. Ele também pensava que a degeneração levaria os povos indígenas à extinção, tese que foi imediatamente adotada pelos intelectuais brasileiros no século XIX e que perdurou com bastante força até a década de 1970, dominando inclusive o pensamento de antropólogos famosos, como Darcy Ribeiro, e de órgãos governamentais, como a Funai.

Como quer que seja, saibamos ou não explicar todas as motivações dos primeiros povoadores, o certo é que eles se espalharam com rapidez pelo Velho Mundo e, dali, chegaram à América.

OS MAIS ANTIGOS habitantes e seus vestígios

Como seriam os primeiros habitantes do Brasil, qual a História mais antiga de nossa terra? Para conhecer os primeiros habitantes do continente americano, pode-se pesquisar restos esqueléticos humanos ou materiais que se consideram associados à presença humana. Vamos deixar estes últimos para um segundo momento, e nos voltar para os ossos humanos mais antigos. Para tanto, retrocederemos ao início do século XIX, quando a América do Sul era uma das partes do globo menos conhecidas. Estiveram por aqui muitos viajantes europeus, como os naturalistas Humboldt, Spix e Von Martius e, antes de 1840, o próprio Darwin. Em 1840, o naturalista dinamarquês Peter Wilhem Lund realizava pesquisas paleontológicas na antiga província de Minas Gerais quando descobriu, em uma série de grutas da região de Lagoa Santa, restos humanos associados a animais extintos. Foi um achado espetacular e que haveria de gerar muita polêmica, pois em nenhuma parte do mundo nessa época se havia encontrado animais desaparecidos contemporâneos ao homem. Acompanhem as palavras de Lund:

Achei esses restos humanos em uma caverna que continha, misturados com eles, ossos de diversos animais de espécies decididamente extintas, circunstância que devia chamar toda a atenção para estas interessantes relíquias. Ademais, apresentavam eles todos os caracteres físicos dos ossos realmente fósseis. Eram, em parte, petrificados e, também, penetrados de partículas férreas o que dava a alguns deles um lustro metálico, imitante ao bronze, assim como um peso extraordinário. Sobre a remota idade deles não podia, pois, haver dúvida alguma.

Hoje, sabemos, por meio de datações pelo Carbono 14, que as importantes coleções de esqueletos da Lagoa Santa possuem mais de 10 mil anos. Em 1999, pesquisadores da Universidade de Manchester, na Inglaterra, reconstruíram a face do crânio humano mais antigo já encontrado nas Américas, proveniente de Lagoa Santa. Apelidado, de forma carinhosa, com o nome de Luzia, o crânio é de uma mulher e tem cerca de 11.680 anos. O crânio e outros ossos do corpo de Luzia haviam sido descobertos em 1975, em Lagoa Santa, por uma equipe franco-brasileira coordenada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, e hoje se encontram no acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

O estudo morfológico desse e de alguns outros ossos humanos mais ou menos contemporâneos levou os pesquisadores da atualidade a propor novas teorias sobre a ocupação humana no nosso continente. O antropólogo físico e arqueólogo Walter Alves Neves e sua equipe que estudam a morfologia humana afirmam ter havido, na América, há alguns milhares de anos, uma população não-mongolóide. Expliquemos melhor: todos os indígenas americanos conhecidos apresentam semelhanças morfológicas com as populações norte-asiáticas mongolóides. Ou seja, os indígenas

das Américas parecem-se com os povos mongolóides, como os atuais chineses ou japoneses. Essa semelhança levou a pensar de maneira generalizada que a entrada do homem no continente americano teria se dado pelo nordeste da Ásia pelo do Estreito de Bering (onde estão e estavam essas populações mongolóides), há poucos milhares de anos, pois o surgimento das características físicas mongolóides teria, segundo a maioria dos analistas, um máximo de 20 mil anos. Nesse contexto, o estudo do crânio de Luzia e de outros da mesma época trouxeram novidades: dados que sugerem outra (pré) História e um outro modo de refletir sobre a ocupação humana da América.

Walter Neves e seus colegas estudaram esqueletos de diferentes épocas e regiões da América do Sul, comparados com 18 populações da humanidade atual, agrupadas por continente. Dentre esses esqueletos, os chamados paleoíndios (12 a 5 mil AP) mostraram uma surpreendente diferença em relação aos grupos posteriores mongolóides e semelhanças com populações atuais da África e da Oceania. Nas palavras desses estudiosos:

Os resultados de nossas análises mostram uma grande diferenciação entre as populações pré-históricas sul-americanas de antiguidade paleoíndia e aquelas mais recentes, sejam de período histórico ou dos períodos Arcaico (1500-5000 antes do presente) e Horticultor (1000 antes do presente). A morfologia craniana dos paleoíndios sul-americanos demonstra maior afinidade com a de grupos australianos e africanos, enquanto

populações pré-históricas posteriores e também os grupos etnográficos da Terra do Fogo associam-se aos asiáticos orientais. Nossos resultados revelam uma diversidade considerável da morfologia craniana em tempos pré-históricos. As populações recentes do leste da Ásia, largamente tidas como mongolóides, são caracterizadas como portadoras de um padrão morfológico de faces amplas e altas, crânios mais largos do que longos e de bases amplas, órbitas e cavidades nasais mais altas do que largas. As séries sul-americanas pós-Arcaico alinham-se com essas populações, o que parece indicar que ambos os grupos compartilham a mesma morfologia craniana. Já os grupos paleoíndios, ao se alinharem com populações caracterizadas por crânios estreitos e longos, faces estreitas e cunas, assim como órbitas e cavidades nasais mais cunas, representariam um padrão morfológico distinto, que aqui denominaremos de não-mongolóide. Em suma, uma comparação de maior abrangência temporal leva ao resultado recorrente de que teria ocorrido na América a substituição de uma morfologia não-mongolóide por uma tipicamente mongolóide.

Quais as implicações dos resultados desses estudos? Em primeiro lugar, as idéias tradicionais sobre os processos da ocupação humana devem ser totalmente revistas. O modelo tradicional parte da hipótese de três grandes estoques (ou grupos) populacionais, provenientes do nordeste asiático (Sibéria) e relativamente homogêneos no que se refere às arcadas dentárias, que teriam adentrado a América não antes de 12 mil anos atrás, dando origem a todas as populações do continente. As novas datações contradizem esse modelo, assim como as recentes análises dos crânios humanos. Dos três estoques mencionados na hipótese tradicional, dois teriam ficado restritos ao norte da América do Norte e apenas um seria ancestral da grande maioria dos grupos ameríndios e de todos os sul-americanos. Essa visão tradicional foi muito influenciada pela constatação de que a natureza mongolóide das populações atuais das Américas é muito clara, bem como até recentemente as únicas fontes de informação. No entanto, o novo estudo dos vestígios humanos não confirma esse ponto de vista, como vimos.

Neves e seus colegas propuseram, então, uma explicação alternativa para a presença de homens de tipo africano/oceânico (não-mongolóide) nos períodos mais recuados: uma onda migratória, também pelo estreito de Bering, mas muito anterior, de grupos humanos do centro-sul da Ásia. O que teria ocorrido com essa população de primeiros colonizadores da América? Teriam desaparecido, substituídos pelos povos mongolóides que conhecemos. Teriam sido exterminados e/ou inteiramente assimilados pelos mongolóides? No estudo da Pré-História, como na ciência em geral, novos dados costumam trazer, com algumas respostas, muitas novas perguntas a serem respondidas.

Nem todos, contudo, estão inteiramente convencidos com as interpretações desses estudiosos da morfologia dos crânios humanos, tanto por motivos práticos como teóricos. O número de crânios antigos disponíveis para análise não é muito grande e apenas o acúmulo de

achados no continente virá a fornecer uma base mais sólida de comparação. Em seguida, argumenta-se que as diferenças cranianas, mesmo quando comprovadas, não são explicáveis apenas e tão-somente por migrações de povos, devendo-se a fatores ligados ao meio ambiente e à adaptação humana a tais variações. Não poderia, por exemplo, ser o ambiente tropical a explicar as características morfológicas "africanas" dessas populações, como é o caso das narinas amplas, nada tendo a ver com uma origem genética diretamente africana? Segundo a bióloga brasileira Marta Lahr, certas semelhanças entre os restos de paleoíndios e os aborígenes australianos podem ser explicadas como características que ambos os grupos herdaram de um ancestral comum, perdidas pelos mongolóides nos últimos 15 ou 10 mil anos.

Os tipos humanos



Negróide



Mongolóide



Europóide

Além disso, há objeções quanto às premissas de base adotadas pelo grupo de Neves. Existiram mesmo populações homogêneas no passado, que deixaram um rastro de crânios com pequena variação? Ou a variação no interior de qualquer sociedade é tão grande que impede tais raciocínios? No passado já se usou (e abusou) do uso das características morfológicas, em particular dos crânios, para diferenciar populações, com resultados muitas vezes pouco convincentes. (Os judeus teriam crânios diferentes dos alemães nazistas, ou a variação, no interior das duas "populações", impediria qualquer conclusão objetiva?) Por último, mas não menos importante, supor que a (pré) História seja feita de migrações e de extermínio de povos poderia, perigosamente, servir de justificativa ideológica para o extermínio que os europeus impuseram aos indígenas americanos, que teriam, por sua vez, eliminado anteriormente os antigos habitantes paleoíndios do continente. Essas dúvidas, de modo algum, afetam a qualidade científica dos estudos de Neves sobre os vestígios ósseos, nem questionam suas intenções que, com certeza, não incluem qualquer racismo ou justificação à derrota e à opressão dos indígenas.

Todavia, como veremos no segundo capítulo, as teorias propostas por Neves possibilitam novas explicações e interpretações gerais dos registros arqueológicos do Brasil. Entendemos que a novidade dessas teorias é a possibilidade de explicar a passagem e mudança brusca de um horizonte não-ceramista e não-agricultor para o horizonte ceramista e agricultor. A interpretação corrente considera que houve processos evolutivos regionais, com as populações paleoíndias adotando ou criando tecnologias e novas formas de subsistência. Após analisar o conjunto das informações sob o enfoque de Walter Neves concluímos que os processos evolutivos tecnológicos e de subsistência ocorreram apenas na região Amazônica, e que nas demais regiões brasileiras predominou a substituição da cultura material paleoíndia pela agricultora e ceramista, em decorrência da substituição das populações não-mongolóides pelas tipicamente mongolóides.

Considerando as pesquisas das medidas dos crânios americanos, Neves e colegas propuseram a entrada primeiro de grupos não mongolóides, em data não especificada, seguida das migrações mongolóides mais recentes.